

O legado de Saussure e o conceito de *língua*

Heloisa M. M. Lima-Salles (UnB)

Resumo: Neste artigo, discutimos o legado de Ferdinand Saussure, conforme exposto no *Curso de Linguística Geral*, obra fundadora para a constituição da Linguística como uma ciência moderna e independente. Ressaltamos que a obra parte da relação com outras ciências, sendo a Linguística situada como um ramo da Semiologia, a ciência que “estuda a vida dos signos no seio da vida social”, e do conceito de língua (em oposição a fala), definida como um sistema de signos, a que se atribui um caráter formal. Para tanto, apresentamos o questionamento original do autor, em relação à necessidade de adotar uma nova metodologia de análise, o que dá origem ao chamado estruturalismo saussureano, cuja formulação inclui as dicotomias *língua/ fala*; *sincronia/ diacronia*; *forma/ substância*; *sintagma/ paradigma*. Em seguida, indicamos pontos de contato com abordagens coetâneas e seus desenvolvimentos, em que se sobressaem o funcionalismo e o gerativismo.

Palavras-chave: Ferdinand Saussure. Curso de Linguística Geral. Estruturalismo saussureano.

Abstract: In this article, Ferdinand Saussure’s legacy is discussed, as exposed in the *Course in General Linguistics*, a fundamental piece of work for the constitution of Linguistics as a modern and independent science. It is shown that a relation with other sciences is established, Linguistics being situated as a branch of Semiology, the science that “studies the life of signs in the social life”, and a concept of ‘language’ is proposed (as opposed to ‘speech’), as a system of signs, to which a formal character is attributed. The discussion presents the author’s original claim with respect to the need of adopting a new methodology of analysis, giving rise to the so-called Saussurean structuralism, which is formulated in terms of the dichotomies *language/ speech*; *synchrony/ diachrony*; *form/ substance*; *syntagmatic relations/ paradigmatic relations*. Finally, we indicate the interfaces of Saussurean work with coetaneous approaches and its developments, which include the functionalist and the generative approaches.

Keywords: Ferdinand Saussure. Course in General Linguistics. Saussurean structuralism.

1. O conceito de ‘língua’ e o objeto da Linguística

A publicação do *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure, na primeira década do século XX, mais precisamente em 1916, cumpre 100 anos, e seu legado é definitivo, pelo papel fundador que assume na definição de novos rumos para os estudos linguísticos, ao abrir caminho para a afirmação da Linguística como ciência autônoma. Diante disso, nada mais justo que sejam realizadas celebrações em diversas instituições acadêmicas e centros de pesquisa, destacando-se a XIV Semana de Letras, da Universidade Católica de Brasília.¹

¹ Gostaria de cumprimentar a comissão organizadora da XIV Semana de Letras, da Universidade Católica de Brasília, na pessoa de da Profa. Lívila Pereira Maciel. Desejo também cumprimentar a Universidade Católica de Brasília e sua comunidade acadêmica por essa oportuna homenagem, contextualizada pela interessante Programação do evento e pela participação ativa da audiência. Desejo também agradecer pelo convite que me

Diante da limitação desta exposição para abarcar a múltiplas facetas da contribuição deste importante pesquisador e profundo conhecedor das línguas, opto por tomar como referência essencialmente a definição de ‘língua’, cuja formulação encerra os fundamentos do estruturalismo. Além disso, constitui a base epistemológica da ciência da linguagem que florescia nos primórdios do século XX, além de propiciar bases importantes para o debate que se travou posteriormente entre as novas concepções. Ainda que calcado em bases filosóficas remotas, é inegável o caráter inédito do pensamento de Saussure na formulação do conceito de língua, como se depreende, já no início da obra, do capítulo intitulado “Objeto da Linguística” – em sua primeira seção “A Língua: definição”.

Por óbvio, tomamos a definição de língua como ponto de partida, mas também pelo fato de que encerrar, em sua formulação, desafios importantes à pesquisa científica, os quais têm sido enfrentados por diferentes perspectivas, do ponto de vista teórico, empírico e metodológico, o que confirma não só sua profundidade, mas também o impacto produzido, na constituição das bases científicas e epistemológicas da Linguística. Nesse último aspecto, situam-se questões que definem subáreas da Linguística e delimitam sua interface com outras ciências.

Entre tantas contribuições do *Curso de Linguística Geral*², está a definição do objeto da Linguística em termos de sua relação com outras ciências, particularmente o entendimento de que a Linguística é abarcada pela ciência mais ampla, designada Semiologia, que, conforme define a obra, é uma ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social (p. 24). Essa perspectiva, por sua vez, toma como referência o caráter psicológico do signo, o que situa a Linguística no âmbito da Psicologia Social.

Passemos aos conceitos e ao debate. Para tanto, nossa exposição será breve e seguirá o seguinte plano: inicialmente apresentamos em linhas gerais o questionamento original do autor em relação à necessidade de adotar uma nova metodologia na definição do objeto da ciência da linguagem, de que resulta a distinção entre ‘língua’ e ‘fala’, também consagrada como *langue* e *parole* – e demais dicotomias, a constituírem as bases do estruturalismo saussureano; em seguida, situamos esses conceitos no âmbito do estruturalismo europeu, indicando os pontos de contato com abordagens coetâneas,

traz a esta mesa redonda “100 Anos do *Curso de Linguística Geral*: o legado de Saussure para os estudos da linguagem”, na companhia das estimadas colegas Marisa Vieira da Silva, Dalva del Vigna, e Deborah Christina de Oliveira Mendonça, esta última coordenadora dos trabalhos.

² Nesta exposição, as citações são extraídas de Saussure (s/d), versão traduzida do *Cours de Linguistique Générale*, publicado pela Payot, Paris.

particularmente a glossemática, de Hjelmslev; finalmente, alcançamos o momento atual, em que se identifica o debate entre funcionalismo e o gerativismo, para citar duas correntes de pensamento que se mostram ativas e influentes na atualidade, sem perder de vista sua origem comum no estruturalismo saussureano.

1.1 O conceito de ‘língua’ e as dicotomias saussureanas

Não há como falar das ideias de Saussure, no *Curso de Linguística Geral*, sem tomar, como ponto de partida, a dicotomia ‘língua’ e ‘fala’. O autor parte da observação de que tratar a questão pelo ponto de vista da linguagem conduz a um dilema, porque “[a linguagem] tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sobre o outro.” (p. 16), o que torna inviável que seja considerada o objeto da Linguística. E acrescenta:

[q]uando se procede assim, abre-se a porta a várias ciências – Psicologia, Antropologia, Gramática normativa, Filologia etc –, que separamos claramente da Linguística, mas que, por culpa de um método incorreto, poderiam reivindicar a linguagem como um de seus objetos. (p. 16)

Diante disso, a dicotomia ‘língua’ e ‘fala’ é uma forma de lidar com a observação de que “(...) qualquer que seja o lado por que se aborda a questão, em nenhuma parte se nos oferece integral o objeto da Linguística” (p. 16). Ou seja, o objeto não existe enquanto não se definem as condições em que se manifesta. Pode-se supor que a definição do objeto da linguística, a partir da dicotomia, constitui um recurso metodológico, mais do que uma definição de caráter ontológico. No entanto, o aprofundamento da discussão vem demonstrar que, para além da questão metodológica, a definição de língua (em oposição à fala) está assentada na noção de forma, o que permite estabelecer uma ontologia baseada na realidade psicológica do signo linguístico. Nessa linha de raciocínio, a definição do objeto da linguística parte da distinção entre linguagem e língua: “A linguagem é multiforme e heteróclita (...) A língua é, ao contrário, um todo por si e um princípio de classificação” (p. 17).

Assim, o conceito de língua presta-se a atender a exigência do método, no sentido de preceder os outros fatos da linguagem humana, em sua conceptualização. Partindo da oposição ‘língua’ e ‘fala’, ‘língua’ é definida por sua natureza homogênea, como um todo sistemático, constituído de signos convencionais, definidos como

entidades binárias, formadas pela união entre significado e significante. Em oposição, encontra-se a ‘fala’, heterogênea e fragmentada, em sua manifestação como fenômeno individual. Como um sistema de signos, a língua é, em termos saussureanos, “um produto social e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social” (p. 17). No entanto, não pode ser comparada a outras instituições. Essa diferença se extrai da afirmação a seguir: “Um dado estado de língua é sempre o produto de fatores históricos e são esses fatores que explicam porque o signo é imutável, vale dizer, porque resiste a toda substituição.” (p. 86)

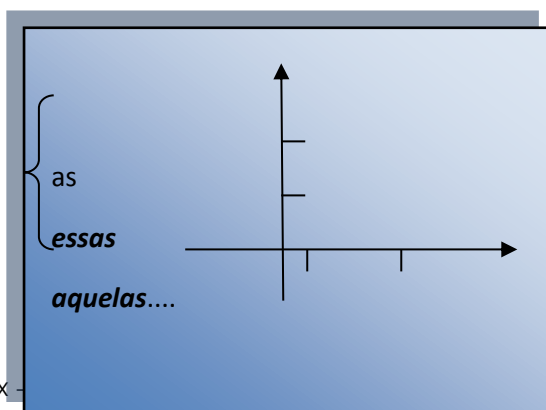
O caráter fixo da língua não é função exclusiva da coletividade, mas também do fato de estar situada no tempo. “A todo instante, a solidariedade com o passado põe em xeque a liberdade de escolher.” (p. 88). No entanto, se o tempo assegura a continuidade, ao mesmo tempo, e paradoxalmente, permite a mutabilidade do signo, que consiste no deslocamento da relação entre o significado e o significante. Esse fenômeno, que se manifesta inexoravelmente, é uma consequência da arbitrariedade do signo. Conclui o autor: “[a] língua não está limitada por nada na escolha de seus meios, pois não se concebe o que nos impediria de associar uma ideia qualquer com uma sequência qualquer de sons” (p. 90). O fato de ninguém poder alterar a língua e a liberdade propiciada pela arbitrariedade do signo conferem um caráter único para a língua, se comparada a outras instituições. Essa implicação ratifica a conclusão de que “[e]m nenhum momento, e contrariamente à aparência, a língua existe fora do fato social, visto ser um fenômeno semiológico” (p. 92).

Ao postular o conceito de signo linguístico como um fenômeno semiológico, retoma-se a ideia de que esse conceito articula, no plano psíquico, elementos de duas ordens, a saber o significado e o significante, bem como a relação solidária entre eles na constituição dessa unidade no contexto social. Dessa forma, a Linguística saussureana define ‘língua’ como um fenômeno da forma, não da substância. Essa conclusão é consistente com a noção de valor linguístico, que consiste na observação de que os elementos do sistema linguístico, em sua articulação solidária, submetem-se a um requerimento de oposição, tanto no plano do significado quanto do significante, e seu corolário, que é a arbitrariedade do signo linguístico. “Por sua vez, a arbitrariedade do signo nos faz compreender melhor por que o fato social pode, por si só, criar um sistema linguístico. A coletividade é necessária para estabelecer os valores cuja única razão de ser está no uso e no consenso geral” (p. 132)

Neste ponto, vale observar que os contrastes translinguísticos repousam no fato de que “não há correspondência exata de valores” (p. 135). De fato, se a oposição fosse baseada exclusivamente nos signos, em sua relação com um dado conceito, não deveria haver diferença entre as línguas. Essa discrepância é captada no nível das entidades gramaticais, como exemplifica o autor ao afirmar que “o valor de um plural em francês não corresponde ao de um plural em sânscrito” (ambas do tronco indo-europeu), mesmo que a significação seja a mais das vezes a mesma (=plural): já que o sânscrito possui três categorias de número – singular, dual, plural –, enquanto o francês possui apenas duas. Na comparação entre o francês e o sânscrito, o uso das formas do plural depende do que está a sua volta, embora a significação do plural se mantenha estável para a ambas as línguas.

Esses casos ilustram a noção de valor linguístico, na medida em que não significam pelo seu conteúdo objetivo, mas por suas relações com os outros termos do sistema, o que permite concluir: “a língua é uma forma e não uma substância” (p. 141). Diante disso, é possível afirmar que a definição do objeto da Linguística na obra *Curso de Linguística Geral* está assentada em bases mentalistas, tendo em vista uma concepção de valor linguístico baseada em uma teoria geral dos signos, segundo a qual a ‘língua’ é um fenômeno psicológico/ mental – sendo, portanto, a linguística um ramo da semiologia.

Outros conceitos no âmbito dessa abordagem, igualmente formulados em termos de dicotomias, se mantêm consistentes com esse fundamento epistemológico. É o caso da distinção entre sintagma e paradigma. Tais noções são formuladas como relações ou combinações de duas ordens, que se articulam em dois eixos ortogonais – o eixo sintagmático e o eixo paradigmático. Na caracterização das relações sintagmáticas, é retomado o conceito de valor linguístico: “[c]olocado num sintagma um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos” (p. 142). Diferentemente, as relações associativas são estabelecidas na memória, por associação mental.



A configuração que articula os eixos perpendiculares demonstra a concomitância das relações entre as unidades linguísticas do nível sintagmático e paradigmático, um atributo da noção ‘língua’, como um sistema de signos linguísticos, conforme definido anteriormente: enquanto o *eixo sintagmático* corresponde à articulação dos termos presentes – relação *in praesentia* –, o *eixo paradigmático* corresponde a uma articulação *in absentia*, em que a ocorrência de um termo exclui o outro, ficando os termos ausentes estocados na memória do falante.

Essa articulação reafirma as propriedades referidas até o momento na definição de língua, como um sistema de signos linguísticos, o que pressupõe, como vimos, a existência de um todo solidário em que as unidades se definem (ou significam) por um requisito de oposição – uma *função distintiva*, que afeta os elementos nas duas ordens constitutivas do signo linguístico. Considerando-se que “a língua constitui um sistema de valores puros que nada determina fora do estado momentâneo de seus termos” (p. 95) e que “quanto mais um sistema de valores seja complexo e rigorosamente organizado, tanto mais necessário se faz, devido a sua complexidade, estudá-lo segundo seus dois eixos” (p. 96), não é possível estudar ao mesmo tempo suas relações no tempo e no sistema.

Por essa razão, a oposição das duas ordens que se aplicam ao fenômeno ‘língua’ requer que seja adotado o ponto de vista sincrônico, que diz respeito à manifestação do sistema de signos como um todo estável e solidário, e o ponto de vista diacrônico, que se refere às evoluções. Enquanto a diacronia identifica fenômenos particulares, que não formam sistema entre si, mas se impõem à língua, os fatos sincrônicos apresentam regularidade, mas não têm caráter imperativo. Dessa forma, como procedimento de análise, é inevitável que a sincronia preceda a diacronia, “sendo a linguística sincrônica orientada para o estudo das relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e que forma o sistema, tais como percebidos pela consciência coletiva”, enquanto “a linguística diacrônica estudará, ao contrário, as relações que unem termos sucessivos não percebidos por uma consciência coletiva e que se substituem uns aos outros sem formar sistema entre si” (p. 116).

2. O estruturalismo saussureano e suas ramificações

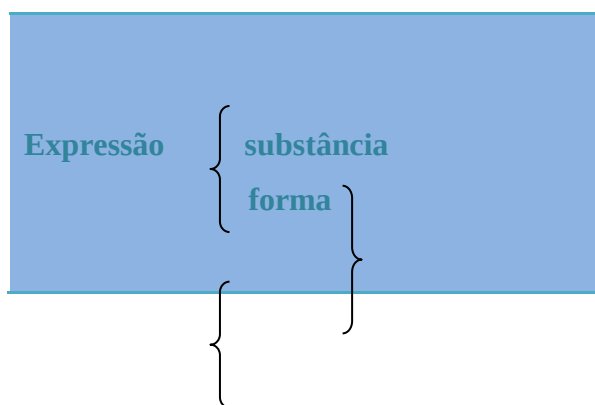
O estruturalismo saussureano constitui um marco para os estudos linguísticos ao propor um método de análise e uma ontologia para definir a natureza do objeto da nova ciência. Sua importância se confirma pelas diferentes direções em que se desenvolveram os estudos linguísticos, ao propiciar questionamentos em relação à adequação e validade dos conceitos propostos. Não podemos nos deter nos detalhes dos modelos teóricos propostos subsequentemente, mas destacamos, de forma sucinta, alguns pontos que se mostram relevantes para demonstrar o impacto dessas ideias.

Inicialmente, destacamos a noção de ‘forma’ em oposição a ‘substância’, que é retomada por Louis Hjelmslev, na obra *Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem*, publicada em 1943. Ao adotar o postulado saussureano de que a língua é forma, não substância, o autor enfatiza o caráter único e impenetrável do fenômeno, propondo o princípio da imanência para dar conta das relações entre os elementos da língua. Conforme observa Castelar de Carvalho (2003: 150-151):

Hjelmslev radicaliza a tese de Saussure, porque, para ele, é precisamente nas relações, na coerência entre os diversos elementos da língua (fatores internos, imanentes) e não em suas propriedades físicas, psicológicas, lógicas e outras, que deve ser encontrada a constante que existe na linguagem humana (...), [sendo] a tarefa maior da Linguística definir e descrever unicamente as relações que unem os elementos da língua.

Essa abordagem, acrescenta Castelar de Carvalho, além de definir o objeto, confere independência à ciência, introduzindo de forma independente o conceito de ‘estrutura’, que passou a ser conhecido como Estruturalismo linguístico.

Para tanto, Hjelmslev propõe, como correlatos dos conceitos de significante e significado, o plano da expressão e do conteúdo, respectivamente, que, por sua vez, manifestam substância e forma, estando a língua inscrita na *forma da expressão* e na *forma do conteúdo*, conforme ilustra o esquema a seguir:



Conteúdo	forma
	substância

Com esse esquema, o autor capta a noção de valor linguístico como atributo essencial da ‘língua’ e propicia uma análise de base dedutiva, que se orienta exclusivamente para as propriedades definidas no nível da forma da expressão e da forma do conteúdo. Dessa forma, exclui propriedades externas, além de postular seu caráter constante, que independe das diferenças e varrições entre as línguas. Assumindo a metodologia dedutiva, propõe uma análise sempre orientada para a identificar classes a partir de um todo hierarquicamente situado. Dessa forma, procede do texto às unidades menores, identificando funções baseadas nas relações de *solidariedade* e *complementaridade*, *seleção* e *especificação*, *combinação* e *autonomia*, mediante o procedimento analítico das formas identificadas nos níveis sintagmático e paradigmático, em consonância com os requisitos do empirismo, que prevê a descrição exaustiva e tão simples quanto possível.

A contribuição de Hjelmslev se faz presente pelo aprofundamento e refinamento do método analítico, mas os desenvolvimentos teóricos e a evolução do pensamento científico traz a consequência desejável de abrir novos horizontes para os estudos linguísticos. É assim que o Estruturalismo passa a ser questionado em relação aos aspectos imanentistas, que levam à exclusão dos aspectos psicossociais e históricos. Assim, a noção de valor linguístico, formulada em termos da ‘função distintiva’, é considerada insuficiente, diante da constatação de que as expressões linguísticas significam não só pela articulação de um sistema de oposições, mas também pelo efeito que produzem nos interlocutores ou por outros tipos de relações.

Dessa crítica surgem novas vertentes para os estudos linguísticos, como o distribucionalismo norte-americano, que adota o estruturalismo, mas aprofunda a noção de relativismo linguístico, segundo o qual não há limites para a diferenciação entre as línguas, o que conduz a uma divergência em relação às teses saussureanas ao rejeitar o fundamento universalista. Um corolário dessa concepção é o determinismo linguístico, forjado no âmbito da chamada Hipótese Sapir-Whorf, que considera as línguas objetos externos ao indivíduo, capazes de determinar o modo como se constitui a cognição de

seus usuários. Essa abordagem vem ao encontro das teses behavioristas, que rejeitam a presença de estruturas mentais responsáveis pelo desenvolvimento do conhecimento, sendo a linguagem aprendida pela atuação de um mecanismo funcional de *estímulo e resposta*, no ato de interação.

Fazendo uma crítica radical ao behaviorismo em linguística, a gramática gerativa assume uma versão diferenciada do estruturalismo, em que prevalece o imanentismo e o universalismo, mas a natureza do conhecimento linguístico é definida como um atributo individual (e não social). Trata-se da hipótese da Gramática Universal (GU), cujo maior expoente é o linguista Noam Chomsky.^{3/4} Nessa abordagem supõe-se que o ser humano é dotado, por determinação genética, da faculdade de linguagem, a qual integra as estruturas cognitivas da mente humana, como um dispositivo de aquisição de língua. Nessa perspectiva, a linguagem humana constitui fenômeno do mundo natural, mais especificamente do nível biológico, o que permite situá-la como um fenômeno da mente/cérebro.

Dessa forma, a linguística gerativista diverge fundamentalmente da linguística estruturalista saussureana ao conceber a Faculdade de Linguagem como um componente inato da mente humana, fundando a vertente conhecida como biolinguística. Na perspectiva saussureana, o procedimento indutivo não ia além de identificar as unidades básicas da cadeia linguística, em face do pressuposto de que se organizam no nível da articulação das unidades formais do significado, os *morfemas*, e das unidades formais do significante, os *fonemas*. A abordagem gerativista concebe um modelo para captar as propriedades compartilhadas pelas línguas naturais e seu atributo principal, que é a *criatividade*, que permite aos falantes produzir e compreender enunciados jamais formulados. Esse modelo é referido com Gramática Universal (GU), de que resulta o entendimento de que as línguas naturais, em sua diversidade monumental, são epifenômenos. Nessa concepção, a GU é tomada como um axioma do qual se deduzem as propriedades materializadas pelos sistemas gramaticais, o que confere à Linguística

³ Fazer referência às bases epistemológicas do gerativismo, conforme formuladas originalmente por Noam Chomsky, requer o resgate de uma contribuição intelectual extensa, publicada a partir de meados do século XX, e que se mantém produtiva até os dias atuais. Por essa razão, referimos o leitor a duas obras seminais do autor, a saber Chomsky (1986), que lança as bases da teoria de Princípios e Parâmetros, e Chomsky (1995), que propõe o chamado Programa Minimalista. Acrescentamos a obra Chomsky (1998), publicada em português, que traz entrevistas do autor em relação aos fundamentos epistemológicos da teoria, publicadas pela Editora da UnB, por ocasião da visita do eminente linguista ao Brasil.

⁴ Merece ainda referência a obra seminal *Sintaxe Gerativa do Português*, de Lúcia Maria Pinheiro Lobato, publicada em 1986, por seu papel relevante na divulgação dos estudos gerativistas no Brasil.

(gerativista) o papel primordial de verificar a hipótese da GU, pela demonstração dos mecanismos compartilhados pelas línguas, como manifestações da Faculdade de Linguagem.

Em outra vertente do pensamento científico, o desenvolvimento dos estudos estruturalistas levou a que se questionasse o princípio de articulação entre as unidades linguísticas, em cada nível de análise, como um sistema de oposições. Essa abordagem dá origem a uma vertente de investigação que ficou conhecida como funcionalismo. A tradição funcionalista se propõe investigar a língua em uso, considerada do ponto de vista das diferentes funções que as expressões linguísticas assumem no contexto social. Alega-se que as regras e as categorias da gramática são fluidas, que os fenômenos manifestam tendências, gradações, não havendo, em muitos casos, como caracterizá-los em termos de formas discretas, que se definem por um critério de oposição – a *função distintiva*. A origem desse questionamento está no Círculo Linguístico de Praga, cujos estudos demonstraram empiricamente o papel de outros fatores na estruturação dos enunciados. É o caso dos fenômenos fonotáticos, em que atua um tipo de *função demarcadora*.

Assim, um pressuposto da linguística funcionalista é considerar que as expressões linguísticas assumem formas distintas de acordo com a proeminência de cada um dos componentes da comunicação, de que se extrai a distinção entre função referencial, função expressiva, função demarcadora, conforme proposto por K. Bühler (cf. LYONS 1979). Em estudos subsequentes, as funções da linguagem recebem tratamento mais detalhado na abordagem de Roman Jakobson (s/d), que busca relacioná-las à proeminência dos componentes do esquema da comunicação. Assim, a ênfase no *emissor* relaciona-se à manifestação privilegiada da *função emotiva*, no receptor, à *função apelativa*, no canal da comunicação, à *função fática*, no código (=o sistema linguístico), à *função metalinguística*, na mensagem, à *função poética*.

Os desdobramentos do método estruturalista que se ramificaram para outras áreas, como as ciências sociais, em que são exploradas as noções de *-ético* e *-êmico*, citadas originalmente no âmbito da linguística para distinguir, respectivamente, a fonética e a fonêmica, e ressignificadas para abarcar o paradoxo do observador, na busca incessante do significado dos fenômenos culturais (ponto de vista *-êmico*), a despeito dos desafios colocados pela alteridade, que dão origem ao paradoxo do observador (o ponto de vista *-ético*). Remando-se o campo da linguagem, as teses estruturalistas se expandem para o campo da literatura, como na análise estrutural da narrativa, em que se destacam os estudos de Roland Barthes, Mikhail Bakhtin, Julien Greimas, entre muitos outros,

voltados para os mitos e as tradições orais, entendidas a partir de seu papel estruturante nas relações sociais e culturais.

Os estudos subsequentes aprofundam o interesse científico na língua em uso, ampliando as interfaces com as ciências sociais, a pragmática, a filosofia. Nessa vertente, a partir dos anos 70, surge a sociolinguística, voltada para o estudo da variação linguística, tendo como referência a obra seminal de William Labov, intitulada *Sociolinguistic Patterns*, e os estudos do discurso, que desenvolvem a análise conversacional, originalmente voltada para a microanálise da conversação, e posteriormente ampliada para o estudo dos atos de fala, e seu impacto nas relações sociais, com implicações para o estudo linguístico do discurso. É o que observam van Dijk; Kintsch (1983), no artigo *Strategies of discourse comprehension*, publicado na coletânea van Dijk (2004), em sua abordagem histórica do desenvolvimento da análise do discurso:

O estudo do discurso tornou-se de certa forma relevante, logo após ter-se reconhecido o fato, também por volta de 1970, de que os estudos linguísticos não deveriam estar restritos à análise gramatical dos sistemas linguísticos abstratos ou ideais mas, de preferência, que o uso efetivo da língua deveria ser o objeto empírico das teorias linguísticas. Assim sendo, a sociolinguística não somente se interessou pelo estudo da variação social no uso da língua, como também desenvolveu um interesse crescente pelas várias formas de uso (...) Alguns desses trabalhos em sociolinguística se entrelaçam com um desenvolvimento semelhante na antropologia e etnografia, onde análises estruturais anteriores de mitos, lendas, trocadilhos e outras formas de artes verbais abriram caminho para análises mais amplas de eventos comunicativos (...) Finalmente, essa tendência geral ao estudo da fala espontânea podia também ser notada na microsociologia, onde a atenção etnometodológica prestada à interação cotidiana logo foi também voltada à interação conversacional (...) Na verdade, a análise conversacional tornou-se logo tão popular que foi virtualmente identificada como análise do discurso. (p. 11).

No bojo da análise do discurso, surgem abordagens diversificadas, como a teoria dos gêneros textuais, que integra o arcabouço da linguística do texto, tendo a interação como pressuposto. Em seus desdobramentos, as teses funcionalistas invocam a infinita diversidade das línguas e o caráter instrumental e (multi)funcional das mesmas para justificar que sejam consideradas um fenômeno essencialmente cultural e social. Os enunciados são estruturados para assumir funções no contexto social, mediante mecanismos cognitivos que regulam a percepção de fenômenos como saliência fônica, repetição, adjacência, paralelismo, iconicidade, analogia, similaridade, entre outros. A situação de comunicação em que a sentença é pronunciada determina a escolha da representação sintática dos argumentos (por exemplo, a escolha entre voz ativa e voz passiva). Tais escolhas envolvem parâmetros funcionais, que distinguem entre figura e

fundo, em que o *dado* é tomado como informação de fundo, e o *novo* é a figura que se destaca no cenário da comunicação (cf. NEVES 1997).

As vertentes funcionalista e formalista se mantêm produtivas na investigação das hipóteses em que sustentam suas análises. Para ambas, permanecem as noções de linguagem e língua como fundadoras de um campo, cujas bases epistemológicas garantem a identidade e a autonomia da Linguística, perante as demais ciências, reforçando o que foi intenção primordial de Ferdinand Saussure.

3. Considerações finais

As ramificações do estruturalismo saussureano são o maior testemunho de seu legado e de sua importância para a Linguística, e para as questões que definem seu objeto e suas interfaces. O diálogo com as ideias trazidas por esta obra seminal, como fizeram tantos pesquisadores que sucederam Ferdinand de Saussure – alguns referidos brevemente nesta exposição –, se mantém vivo nos dias atuais, o que confirma a força inspiradora do *Curso de Linguística Geral*. Entrar para a história com esse papel é digno de reconhecimento e de valorização. Nesse projeto mais amplo de desenvolver o pensamento científico, nossa tarefa é avançar as hipóteses, desdobrar as fibras das indagações, agregar o que estiver ao nosso alcance ao edifício do conhecimento, com humildade e dedicação, na expectativa de que sejam formuladas novas perguntas, abrindo-se novos campos para a investigação, e que os resultados possam ter aplicações em benefício da sociedade, em suas demandas atuais ou ainda vislumbrando a possibilidade de contribuir para o enfrentamento dos problemas que se anunciam nos horizontes da existência humana.

No caso da Linguística, há muito o que esperar das pesquisas realizadas, diante da centralidade da língua para ser humano, seja do ponto de vista social, seja do ponto de vista cognitivo, o que nos faz compreender a importância desse campo do conhecimento e nos faz neste sentido.

Referências

CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

CHOMSKY, N. *Knowledge of language. Its nature, origin and use*. Praeger, London, 1986.

_____. ***The Minimalist Program***. Cambridge: The MIT Press, 1995.

_____. **Linguagem e Mente: Pensamentos Atuais sobre Antigos Problemas**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

JAKOBSON, R. 'A Concepção de Significado segundo Boas'. In: **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, s.d.

LABOV, W. ***Sociolinguistic Patterns***. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LOBATO, L. M. P. **Sintaxe Gerativa do Português**. Belo Horizonte: Vigília, 1986.

LYONS, J. **Introdução à Linguística Teórica**. Tradução de Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel. São Paulo: Editora Nacional, Universidade de São Paulo, 1979.

NEVES, M. H. M. **Gramática Funcional**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1997.

SAUSSURE, F. (s/d) **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 9. ed. São Paulo: Cultrix. s/d.

VAN DIJK, T. A. **Cognição, discurso e interação**. (org. Ingedore V. Koch). 6. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

Heloisa M. M. Lima-Salles: Possui graduação em Letras pela Universidade de Brasília (1985), mestrado em Linguística pela Universidade de Brasília (1991) e doutorado em Linguística pela University of Wales (1997). É professora associada da Universidade de Brasília. Atua na área de Linguística, na abordagem da Teoria Gerativa, investigando, principalmente, os seguintes temas: sintaxe de complementação e sintaxe de preposições, com ênfase em línguas românicas, germânicas, língua brasileira de sinais, aquisição de português L2, bilinguismo dos surdos.